

## O amor: conexão?

Entre as leituras para a elaboração desse texto, fui à livraria em busca do texto do poeta do sexo e do amor: Ovídio.

Não é possível não me deter diante daquelas estantes. Livros são objeto *a*? E deparei-me com outros títulos sobre o amor.

Surpreendentes!

“O corpo fala no amor”. Na página 64, a autora ensina a atitude que uma mulher deve ter para chamar a atenção de um homem. Na 65, ensina a postura de um homem para mostrar-se atraente. A 69, não corri o risco de ler.

“Amor quântico”. Essa modalidade de amor que “aprendemos a partir da Física Quântica – que mostra que cada um de nós é um receptáculo de energia – e cria um nível de paixão, conexão e felicidade em sua relação que parecia impossível”. A autora é “especialista em amor e sexo”.

“Amores humanos, traições divinas”. Onde o autor promete que “os homens iniciem a jornada à Era Amorosa”.

Esses textos supõe uma conexão curiosa. Especialistas falam como se amor, sexo, sedução fossem uma invenção contemporânea capturada pelo saber técnico. Os textos inscrevem-se – como é o saber técnico – em um estilo higiênico, certo e objetivo. Partem da suposição de que aprende-se a arte amorosa. Estão atrás da clareza naturalista e não da abertura hermenêutica, não obstante o senso espiritualista que habita os textos. A curiosa conexão dessa mistura, na verdade, busca um modo de evitar o caráter surpreendente e, decerto, produtor de algum sofrer que viver o amor carrega.

Um antídoto à liquidez atual?

Miller diz que os estereótipos da feminilidade e da virilidade estão em plena mutação. Há instabilidade dos papéis, uma fluidez generalizada no teatro do amor, que contrasta com a fixidez anterior. É o múltiplo substituindo o ‘grande amor de toda a vida’. É o laço frouxamente atado para que sejam desfeitos sem trabalho, como diz Bauman.

Uma contribuição atual, que cobre Miller e Bauman de razão, é a possibilidade de ler o amor, a paixão, a atração desde o leito biológico. O especialista D Sack escreve que o amor, e seu estado patológico resultam de processos bioquímicos no cérebro. Respondendo a sinais desde o hipotálamo, a glândula pituitária libera dopamina, noradrenalina, feniletilamina, estrógeno e testosterona. Esse coquetel químico produz

a euforia do novo amor e normaliza quando os hormônios de conexão e apego (vasopressina e ocitocina) os controlam. Tal ocorre tipicamente após 6 a 24 meses do início do fascínio amoroso. Isto é, a frouxidão do laço amoroso, a liquidez sentimental, não é uma invenção da atualidade. É a verdade atemporal de nossa bioquímica. Deste saber, Sack crê poder tratar o amor e suas versões patológicas. Coitados de Agatão, Werther e Orfeu.

Damásio, se bem que não está no mesmo circo pragmático que Sack, pois percebe que o jogo entre afetos, emoções e sentimentos não é tão simples assim e não os reduz a eventos neurais, descreve a anatomia nervosa de onde vêm as respostas emotivas. Escreve que sinais desde neurônios do hipotálamo e do prosencéfalo iniciam a secreção de moléculas químicas que atingem todo o organismo.

Não obstante a diferença epistemológica dos autores citados, tal modo de recortar o fenômeno realça que o Outro da cultura, o simbólico, não existe. Há um curioso imaginário que visa esclarecer o real com a potencialidade de tornar um saber manipulável em busca da higiene, da objetividade e da certeza. Sem subjetividade.

Mais que isso: há um princípio de que seres totais, plenos, não discordantes existam desde que as regras do especialista sejam seguidas. Há, então, uma noção implícita de que o laço amoroso seja mais do que uma vivência lúdica de prazer. Uma vivência mais próxima da transcendência que apaga justamente a alteridade. Apaga o *para-esser*, neologismo de Lacan que joga com a dupla significação: o verbo parecer e o sentido do prefixo “para” que diz “ao lado”, como em *para-nóia*. Na verdade, esse modo de formular a conexão que o amor faria entre seres, entre o Um e o Outro, realça tão somente o privilégio do Um dessubjetivado, pois dotado de um saber que lhe é alheio, produto do tempo árido do cientificismo, e em constante luta com as surpresas na experiência amorosa. A aposta que a relação sexual existe impede que se reconheça que o amor é o que vem em suplência à relação sexual.

Nem sempre foi assim. Aliás, não é difícil notar que o laço amoroso como um laço fundamental, conectivo, que une dois seres no mais das vezes de sexos distintos, é releitura romântica do amor cortês medieval. Bonifácio, de Gênova, século XII, escreve: *Ora non moiro, nen vivo, nen sei/como me vai, nen ren de mi, se non/atanto que ei no meu coraçom.*

Platão considerava amor se voltado à sabedoria. O amor paixão é visto como decaído. No Banquete, é Pausânias quem representa essa vertente, denominando-o ‘Eros vulgar’, oposto ao ‘celeste’, pois é guiado pela concupiscência, sem preocupação com

a virtude do outro. Como se vê, desde os antigos, o laço desprovido de conexão já existia. Lucrécio e Ovídio são sensualistas. Para Lucrécio o amor é plenamente natural e corrompido ao ser objeto de expectativa redentora. Fala de sexualidade generalizada ao escrever que Vênus governa sozinha a natureza das coisas. Ovídio preocupa-se com o reconhecimento pleno do desejo e não exclui as mulheres.

Os filósofos cristãos seguem a mesma toada platônica, no que respeita à vulgaridade do amor por um outro que não o Senhor. Em Agostinho, o amor na cidade de Deus é ao Senhor e implica no sujeito deixar-se de lado em contraste com o amor egoísta na cidade terrena. Boaventura aposta no amor transcendência e meio de ligar-se a Deus. Aquino nem se preocupa com o amor entre seres.

Rousseau, Kant, de modos distintos, não pensam no laço amoroso de modo venturoso. O primeiro considera o caráter impetuoso da paixão efeito perverso da civilização. Kant apoia o amor caridade e julga o amor erótico doença da razão.

A Sartre, o amor tem possibilidade somente pela via masoquista, pois os sujeitos não escapam à lógica da posse e da sujeição. Não há reciprocidade e opõe-se à liberdade. Para concluir, se houve uma época onde o amor foi conectivo por excelência, essa época existiu como 'Época Ideal'. Fora das lides da história. Essa ação onde ofereço o que não tenho permite arranjos conectivos singulares, não generalizáveis. O drama contemporâneo é considerar que sua marca imprevisível e misteriosa desapareça por sua desconstrução cientificista.